



ALESSANDRO COSTA

BEM-VINDOS: AULAS RECOMEÇAM COM 3.649 CALOUROS E 81 NOVOS PROFESSORES

As aulas começaram com boas notícias. Novos professores e 283 técnicos irão reforçar as atividades acadêmicas e administrativas. A ADUFRJ acompanhou a cerimônia de acolhimento aos novos docentes. "Queria, antes de mais nada, dar boas-vindas aos novos colegas: docentes e técnico-administrativos. Essa cerimônia marca o início de uma convivência que, esperamos, seja longa e produtiva dentro da universidade", afirmou o diretor Pedro Lagerblad. **P. 2 E 3**

ARTE: HIPPERTT

ACIÊNCIA NÃO TIROU FÉRIAS



No calendário acadêmico, julho é tempo de férias, mas na vida real dos pesquisadores da UFRJ, a temporada foi de muito trabalho. Só a reunião da SBPC, na UFF, mobilizou mais de 50 mil pessoas em palestras, oficinas e debates. A UFRJ marcou presença com enorme estande e dezenas de apresentações de professores e alunos. **P. 4 A 8**

ADUFRJ DÁ BOAS-VINDAS A 81 NOVOS PROFESSORES

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Chegaram reforços. Na mesma semana do recomeço das aulas, a universidade deu boas-vindas a 81 novos professores e 283 técnicos. Eles vão reforçar as atividades acadêmicas e administrativas da instituição. Na programação de acolhimento que se estenderá até o dia 14, todos serão informados sobre as carreiras, benefícios, história da UFRJ e ética no serviço público, entre outros temas.

Além disso, logo no primeiro dia, no auditório Quinhentão do Centro de Ciências da Saúde, o grupo recebeu a saudação da ADUFRJ. "Querida, antes de mais nada, dar boas-vindas aos novos colegas: docentes e técnico-administrativos. Essa cerimônia marca o início de uma convivência que, esperamos, seja longa e produtiva dentro da universidade", afirmou o diretor Pedro Lagerblad, professor titular do Instituto de Bioquímica Médica (IBqM).

O dirigente chamou atenção para a natureza coletiva do trabalho docente na instituição e o papel do sindicato nessa relação. "O coletivo institucional do qual você faz parte – seu departamento, seu instituto, centro, a universidade como um todo – é algo que condiciona e influencia a trajetória da sua carreira individual. Todos os aspectos múltiplos da existência de um docente dentro dessa universidade implicam vivências que são coletivas e que



Professor Pedro Lagerblad, titular do IBQM e diretor da ADUFRJ, dá as boas-vindas aos novos colegas

devem ser pensadas coletivamente", disse.

Carreira, salário e condições de trabalho, ressaltou Pedro, fazem parte das tarefas sindicais. Mas a ADUFRJ também tem atuado em temas de interesse mais amplo da sociedade. "A ADUFRJ, por exemplo, capacitou a organização de uma discussão sobre a questão da violência, reunindo especialistas de diferentes universidades do estado do Rio de Janeiro. Isso gerou um núcleo que vem funcionando permanentemente e que vem oferecendo elementos de programa para os diferentes candidatos das eleições".

Pedro apresentou as ações do mandato – como as visitas às

unidades para ouvir os colegas, a inédita realização de uma colônia de férias e a construção da sede, em andamento – e os serviços de assessoria jurídica e convênios oferecidos pelo sindicato.

Por fim, o dirigente convidou os novos professores à filiação. "A contribuição sindical é de 0,8% do salário, mas para dois anos de 50% da taxa. Somente após quatro anos, você passa a pagar a taxa integral", disse. "Não se cobra ressarcimento, se vocês quiserem sair ao final desses quatro anos, mas esperamos que vocês tenham uma boa experiência e queiram continuar", completou. ▲

BELITA KOILLER SE TORNA PRIMEIRA EMÉRITA DA FÍSICA

Cientista brilhante, colega generosa, gestora decidida e, agora, uma emérita pioneira. A professora Belita Koiller acaba de se tornar a primeira mulher do Instituto de Física a receber a honraria, em cerimônia realizada dia 7, no Salão Nobre do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. A saudação à homenageada coube ao também professor emérito Luiz Davidovich. O colega, que conheceu ainda na graduação na PUC-RJ, no fim dos anos 60, reverenciou a determinação de Belita em ocupar espaços nos quais a presença das mulheres ainda é extremamente reduzida. Desde o doutoramento – única mulher de sua turma – até as conquistas acadêmicas. "Foi

eleita em 1995 membro titular da Academia Brasileira de Ciências. A primeira mulher a alcançar essa condição na área de ciências físicas, abrindo uma porta que permanecera fechada por décadas", citou, entre vários exemplos. Belita teve a carreira marcada por contribuições à Física da Matéria Condensada, com trabalhos citados até hoje em todo o mundo. Mas também por um compromisso profundo com a universidade e com colegas. "Aqui na UFRJ foi uma força consistente, incansável e persistente no projeto de mudança do Instituto de Física para um novo prédio. E todos que conhecem Belita sabe o que significa a persistência dela", brincou

Davidovich. "Querida Belita, hoje celebramos a cientista excepcional, a professora, a formadora de cientistas, a dirigente acadêmica e a defensora incansável da ciência brasileira", completou. A homenagem, acostumada a quebrar barreiras ao longo de toda a trajetória profissional, também quebrou o protocolo da cerimônia. Em vez de discursar sobre a carreira, como é de praxe nas eméncias, preferiu dar uma aula sobre a evolução da eletrônica que revolucionou dispositivos como os microfones modernos. Mas, antes, ainda dividiu o mérito pela construção do prédio da Física com todos os colegas. "Havia os cétricos, mas não



DEPOIMENTOS

O Jornal da ADUFRJ ouviu três dos novos professores sobre as expectativas em relação à carreira recém-iniciada.



"Fui professora substituta aqui em 2018 e 2019. Então, já tinha alguma experiência na

universidade e sempre foi um sonho voltar, estar aqui e poder contribuir com a formação de novos profissionais e também me integrar às atividades de pesquisa, extensão e ensino. Semana que vem já começo uma disciplina de supervisão de estágio e estou muito animada. Venho de uma família de docentes da rede pública de ensino fundamental. Cresci vendo minha mãe sendo professora, hoje já aposentada. Ela me levava para as escolas, e eu fui me inserindo naquele mundo desde pequena e gostando. Então, vem de berço."

NÚBIA MARTINS
Departamento de Terapia Ocupacional



"Sou cria da UFRJ. Fiz graduação, mestrado, doutorado, pós-doutorado, tudo aqui desde 2008. O Museu Nacional sempre foi

muito especial para mim. Foi onde decidi que seria bióloga. Agora me tornar docente ali é incrível. Sobre o incêndio, foram tempos muito difíceis, mas estamos nos reerguendo, reconstruindo as coleções perdidas e estou muito feliz de poder contribuir com essa reconstrução. Fui professora substituta no CCS de agosto de 2025 a março deste ano. Sempre quis dar aula, adoro dar aula desde a monitoria na graduação e estou muito feliz de estar aqui".

BEATRIZ CAMISÁRIO
Museu Nacional



"É uma alegria imensa me tornar professor da UFRJ. Entro na universidade como substituto pela primeira vez em 2019. Fico dois anos e dois anos após retorno como substituto. E agora, no final do doutorado, volto como efetivo. Venho trabalhando com desenvolvimento de tecnologia na área da saúde em especial da enfermagem, com planos de expandir para a educação em enfermagem. O objetivo maior é continuar nessa linha de pesquisa. E amanhã (11), já estou em sala de aula. E, por mais que não seja a primeira vez que dou aula, é uma estreia como efetivo. Então a gente fica com um friozinho na barriga, com certeza".

DANILO LIMA CECCON
Instituto de Enfermagem de Macaé



Belita Koiller recebe o título de emérita entre o colega Luiz Davidovich e a vice-reitora Cássia Turci, no CCMN

foi difícil porque não tinha oposição interna", contou. Somente depois da solenidade, em entrevista à reportagem, a professora agradeceu a homenagem, de forma modesta. "Foi muito gratificante ter esse reconhecimento, que não sei

se mereço", disse Belita, que agora soma a emergência com os graus de Comendadora (2002) e de Grã-Cruz (2010) da Ordem Nacional do Mérito Científico e o Prêmio Unesco/L'Oréal para Mulheres na Ciência (2005), entre outros tantos títulos. (Kelvin Melo) ▲



UFRJ TRANSFORMA SONHOS EM FUTURO

Universidade recebe 3.649 calouros de 133 cursos de graduação. Orgulho, expectativas e brilho nos olhos marcaram o primeiro dia de aulas do segundo semestre

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Para quem chega aos campi da UFRJ pela primeira vez, a mudança de rotina vem acompanhada de sonhos. O início das aulas nos cursos de graduação, dia 10, representa muito mais do que o começo de uma trajetória acadêmica: é a concretização do esforço de famílias inteiras refletido no brilho dos olhos, na ansiedade e nas expectativas de mais de três mil calouros.

É o caso de Ana Carolina Souza, de 18 anos, recém-ingressa no curso de Paisagismo. "Estar numa universidade federal é um sonho meu e dos meus pais, que eu vim carregando com o tempo. Estar aqui já é um sonho, já é uma conquista muito grande", diz a estudante que passou em seu primeiro Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). "A universidade nos abre portas. A gente chega a lugares que a gente nunca imaginou", resume.

A medida que as salas de aula e os pátios voltam a ganhar vida, histórias como a de Ana Carolina se multiplicam neste novo semestre na UFRJ. São 3.649 jovens de 133 cursos que enxergam no conhecimento a ferramenta para transformar o próprio futuro. "Muitos de nós somos os primeiros da nossa família a conquistar uma vaga na universidade pública", conta Guilherme Chaves, também de 18 anos, do curso de Engenharia Naval. "A expectativa é grande de poder me formar, atuar no mercado de trabalho, mudar a vida. Principalmente agora que o Brasil está se reconstruindo", afirmou o calouro, morador de São João de Meriti, na Baixada Fluminense.

Pró-reitora de Graduação, a professora Maria Fernanda Quintela afirma que a universidade se enche de esperança ao receber os novos e antigos alunos. "Iniciar cada semestre é sempre uma grande alegria para nós. Nosso principal objetivo, ao receber essas pessoas, é fazer com que elas consigam realizar seus sonhos e tenham uma trajetória de sucesso", afirma a dirigente. "Ver as pessoas chegando, estudantes mais antigos apresentando a universidade, aqueles olhos brilhantes, sorrisos largos, nos deixa muito felizes", diz Maria Fernanda. Cerca de dez mil estudantes ingressam todos os anos na

FOTOS: ALESSANDRO COSTA



GUILHERME CHAVES, 18 anos,
ENGENHARIA NAVAL, São João de Meriti

"Entrar na universidade pública é a conquista de um sonho para mim e para muitos colegas da Naval, pois muitos vêm da periferia, Baixada Fluminense, Zonas Norte e Oeste. Muitos de nós somos os primeiros da família a conquistar uma vaga na universidade pública. A expectativa é grande de poder me formar, atuar no mercado de trabalho, mudar de vida. Principalmente agora, que o Brasil está se reconstruindo".

MARIA LUIZA LOPES, 19 anos,
CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO, Méier

"Neste meu primeiro dia de aula, as minhas expectativas são ótimas e já estou gostando bastante da experiência. Este foi o meu segundo vestibular. No ano passado, eu já tinha sido aprovada para a UFF, mas optei por não ir para escolher a UFRJ, levando em consideração os pontos positivos da instituição. A qualidade e a tradição da UFRJ me fizeram escolher vir para cá".

ANA CAROLINA SOUZA, 18 anos,
PAISAGISMO, Deodoro

"Entrar em uma universidade federal é uma conquista enorme e a realização de um sonho meu e dos meus pais, que vim carregando ao longo do tempo. Para quem não vem de uma família com muitos recursos financeiros, estar aqui abre portas para lugares que nunca imaginamos alcançar. É gratificante sentir esse orgulho e ver a minha família orgulhosa por uma vitória que é minha. Para os jovens que continuam na luta do vestibular, digo que a educação sempre vale a pena. Se tiverem a oportunidade de se dedicar aos estudos, continuem focados, mesmo cansados. O estudo abre portas".

JÉSSICA DA SILVA ARAÚJO, 21 anos,
ARQUITETURA E URBANISMO, Jacarepaguá

"Minha expectativa para o curso está bem alta. Acabei de assistir à primeira aula, achei o conteúdo muito interessante e acredito que vou gostar bastante ao longo da graduação. Já sou formada em Design Gráfico e tinha conseguido aprovação no Enem anteriormente, mas, por conta de alguns imprevistos, não pude ingressar na época. Prestei o exame novamente este ano e consegui entrar. Acredito que muito do aprendizado da minha primeira formação poderá ser aplicado agora em Arquitetura". ▲



UFRJ. "É uma demanda muito grande. A gente preenche a maioria das vagas ofertadas e estamos terminando o preenchimento deste segundo semestre", conta. Das 3.992 vagas oferecidas pela universidade para 2026.2, 91,4% foram ocupadas até o momento. "Damos as boas-vindas a todos os estudantes. Estamos aqui para recebê-los e prontos para acompanhá-los nessa jornada tão importante, que é a formação no ensino superior, e contribuir para o desenvolvimento do nosso país".

O Jornal da ADUFRJ ouviu alguns desses jovens que ingressam na maior universidade federal do Brasil. Na bagagem, sonhos, expectativas e o desejo de fazer a diferença na sociedade e para suas famílias.

FESTA DA CIÊNCIA

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Durante uma semana, a Ciência nacional fincou bandeira na Universidade Federal Fluminense, em Niterói (RJ). Palestras, minicursos e exposições mobilizaram um público de 50 mil pessoas para a 78ª Reunião Anual da SBPC, de acordo com a organização. O presidente Lula esteve lá, além de ministras, gestores, professores, técnicos e estudantes. Todos discutindo como as pesquisas podem contribuir para o desenvolvimento do país. A UFRJ marcou presença com dezenas de pesquisadores e um enorme estande. A ADUFRJ também participou ativamente. A presidenta Ligia Bahia, que é professora do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva e conselheira do SBPC, debateu o movimento docente, os desafios globais na área de saúde e as eleições. Além de Ligia, outros 37 nomes da UFRJ participaram de mesas-redondas, conferências ou rodas de conversa sobre temas de todas as áreas do conhecimento.

Também esteve por lá quem não entende de nada disso. Ainda. Mas que começa a trilhar o caminho de defesa da soberania, desenvolvimento e inclusão que foram o mote da Reunião: "Eu quero ser cientista!", disse o animado Lucca, de 8 anos, que visitou maravilhado a feira de ciência e tecnologia do evento acompanhado da mãe, Luciana de Paula. Confira, nas páginas a seguir, uma amostra de como foi este encontro entre o presente e o futuro da Ciência.



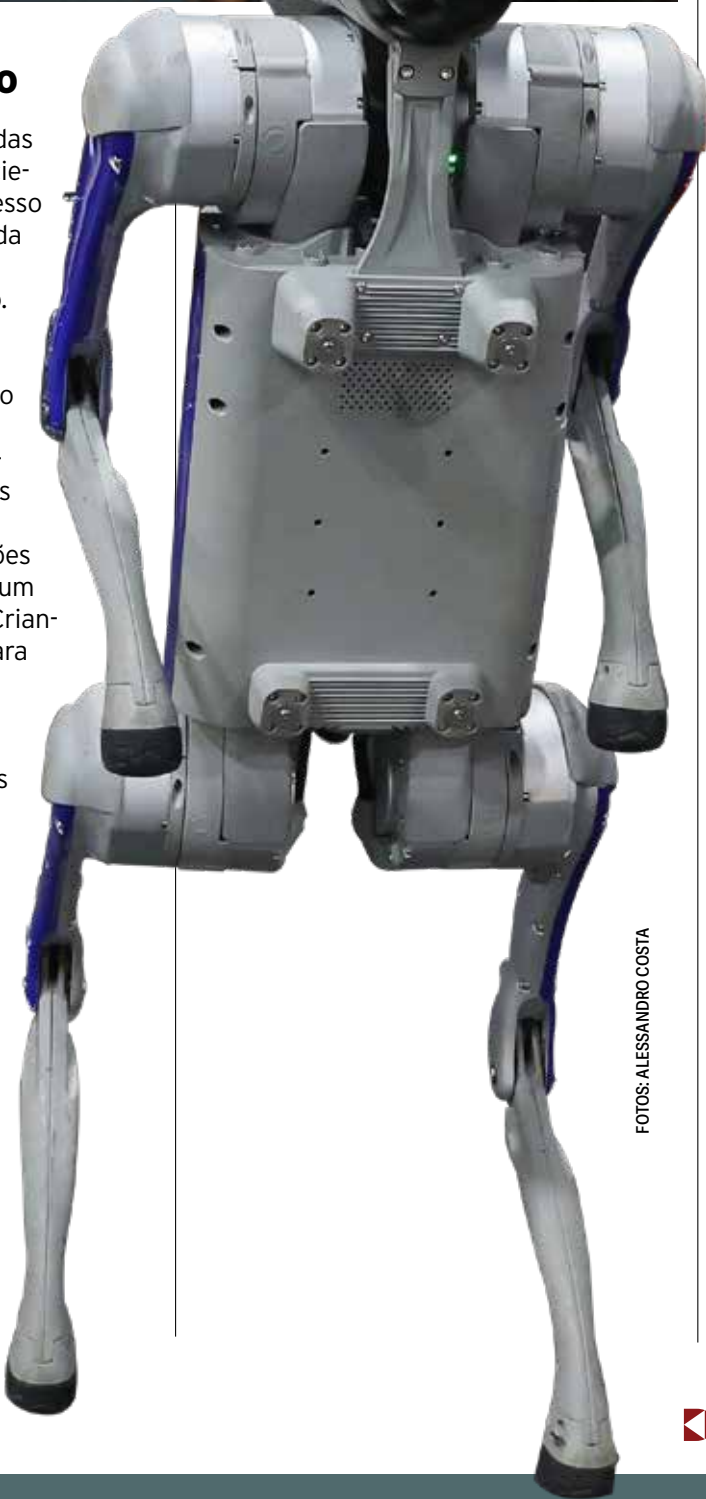
NOS ESTANDES, O BRASIL DO FUTURO

Quem caminhou pelas tendas da 78ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) teve a nítida sensação de estar diante de uma vitrine do país do futuro. Entre experimentos, exposições, oficinas interativas e tecnologia de ponta, o público acompanhou de perto como a produção acadêmica se conecta com as transformações da sociedade.

A área dedicada às inovações tecnológicas e à robótica foi um dos pontos altos do evento. Crianças e adultos formam filas para ver de perto as tecnologias apresentadas, com destaque para os robôs desenvolvidos por pesquisadores brasileiros – incluindo um robô-cachorro adaptado para missões de mapeamento e inspeção em terrenos complexos.

A diversidade do conhecimento científico brasileiro ganhou força com a presença marcante de grandes instituições de ensino e pesquisa do país, como UFRJ, Fiocruz, INPA, MAST entre outros. Foram 69 expositores nesta edição da SBPC.

Para quem esteve na monitoria, o evento representou uma oportunidade única de formação. "É mui-



to diferente do que estamos acostumados a ver dentro de sala de aula. É muito legal aplicar o que estamos aprendendo", disse a monitora Emily Cruz, do curso de Pedagogia da UFF.

O sentimento foi compartilhado por quem transitou entre os diferentes espaços e teve a chance de vivenciar a interdisciplinaridade do evento. "Estamos tendo contato com a ciência na prática e em diversas áreas", comemorou o também estudante da UFF Luiz Miguel Diniz, do curso de Biologia.

A magnitude da Reunião Anual também atraiu acadêmicos de diversas regiões do país. "Estou amando a experiência. É algo único que não tem na minha cidade", disse Rayssa Gabrielly da Silva, estudante da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), que participou do evento pela primeira vez.

Para incentivar o percurso pelos espaços da SBPC, a organização criou o "Passaporte da Ciência": a cada seis carimbos acumulados ao visitar os estandes, os participantes garantiam um brinde exclusivo da 78ª edição.

"Estou achando incrível. Aprendi muita coisa legal sobre pedras, sobre o Aedes aegypti", exemplificou a estudante do ensino médio Inah Gimenès, de 16 anos, enquanto percorria os estandes para completar seu passaporte.

O impacto da SBPC extrapolou os muros da universidade e alcançou em cheio as famílias que aproveitaram a programação. "Estou muito feliz que Niterói tenha sediado este evento. É uma cidade muito voltada para as artes, para a cultura, mas sempre faltou algo científico de mais fôlego", avaliou a bióloga Luciana de Paula, que visitava a feira acompanhada do filho Lucca, de 8 anos, e do sobrinho Camilo, de 10. "Eu quero ser cientista!", disse o animado Lucca. Seu primo Camilo



ficou fascinado ao explorar a biodiversidade exposta nas tendas e com os animais taxidermizados trazidos pelos institutos de pesquisa. "Quero ser veterinário", afirmou o garoto.

Entre inovações robóticas, projetos de preservação e a empolgação de jovens e crianças, a 78ª Reunião Anual da SBPC reafirmou que o futuro da ciência brasileira se constrói hoje e está ao alcance de todos. ▲



MATEMÁTICA DIVERTIDA

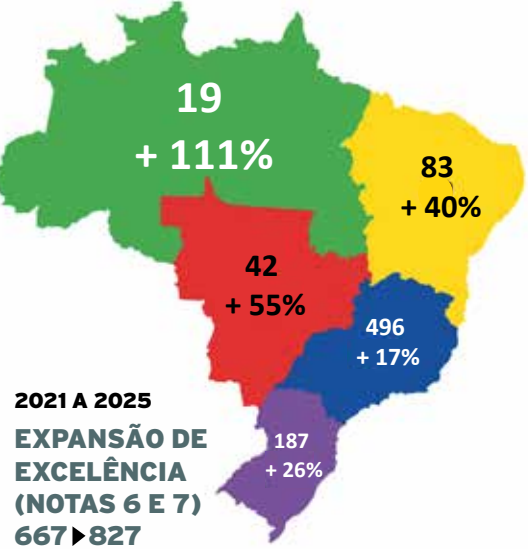
As atividades do Laboratório da Licenciatura em Matemática da UFRJ chamaram a atenção de quem frequentou a área da SBPC Jovem, voltada às ações de popularização da Ciência. "Estamos usando jogos para atrair o jovem para a Matemática. E aqui estamos recebendo várias crianças. Até os pais querem jogar. O estande está sempre movimentado", comemorou a professora Nedir do Espírito Santo, coordenadora da iniciativa, em sua primeira Reunião Anual da SBPC. ▲

NA PÓS-GRADUAÇÃO, DESAFIO É REDUZIR DESIGUALDADES

A pós-graduação brasileira cresceu em número e qualidade. Mas é preciso reduzir desigualdades regionais e aumentar o financiamento de todo o sistema. Assim pode ser resumida a apresentação da presidenta da Capes, professora Denise Pires de Carvalho, na Reunião Anual da SBPC. "Onde há pós-graduação, há ciência e sabemos que, onde há ciência, há progresso. Esse sistema precisa ser adequadamente financiado", disse.

Do primeiro Plano Nacional de Pós-graduação, em 1973, até 2024, o número de programas de pós saltou de 167 para 4.659. O número de municípios atendidos também cresceu de 23 para 323, no mesmo período.

De 2021 a 2025, a avaliação da Capes mostra que o sistema melhorou. Há uma diminuição dos programas com nota 3 (927 para 595) e um aumento dos programas em todas as faixas superiores. Os programas de excelência, de notas 6 e 7, cresceram de 667 para 827. Houve aumento do número em todas as regiões do país, mas a escala é muito diferente: são apenas 19 no Norte contra 496 do Sudeste. "Essa



assimetria precisa ser enfrentada", afirmou Denise.

O número de bolsas oferecido pela agência de fomento também subiu, na comparação com 2019, ano pré-pandemia: de 87,5 mil para 101,7 mil (2025). "Mas a maioria dos pós-graduandos não é bolsista. É fato que precisamos de orçamento para aumentar não só o valor das bolsas, mas o número de bolsas", completou a dirigente. ▲



CIENTISTAS CONTRA A MISOGINIA

Pesquisadoras e pesquisadores se reuniram na entrada da UFF para protestar contra o crescimento do feminicídio no Brasil. Com a presença da ministra Carmen Lúcia, do STF, e de parlamentares, o ato mostrou que a Academia condena a violência de gênero. ▲

100 ANOS DA VISITA DE "MADAME CURIE" AO BRASIL

Há exatamente 100 anos, a renomada física e química franco-polonesa Marie Curie visitou o Brasil. A passagem de 44 dias – entre 15 de julho e 28 de agosto de 1926 – da vencedora de dois Prêmios Nobel foi o objeto de uma deliciosa aula do professor do Instituto de Física da UFRJ e presidente de honra da SBPC, Ildeu Moreira, no dia 30.

Entre várias atividades no Rio, São Paulo e Minas Gerais, a cientista conheceu o Museu Nacional e ministrou um curso de onze aulas sobre radioatividade na Escola Politécnica (onde hoje fica o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ). "Era algo pouco conhecido no Brasil e ela,

evidentemente, estava na ponta dessas pesquisas", disse Ildeu.

"Madame Curie", como era chamada pelos jornais da época, também manteve uma forte interação com a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, então presidida pela bióloga Bertha Lutz. "Era um movimento se organizando para favorecer a presença da mulher na universidade e também na política. As mulheres não votavam", contou Ildeu. "Marie Curie acolheu aquilo muito bem. Ficou o tempo todo junto com elas e aquilo deu uma repercussão importante para a causa feminina naquele momento".

Além do intercâmbio acadêmico e político, Ildeu registrou algumas curiosidades da visita. Hospedada no Rio de Janeiro no Hotel dos Estrangeiros, que não existe mais, no Catete, a cientista gostava de nadar na Praia do Flamengo, de manhã. Mas não tinha nenhum apreço por ser fotografada. "Em várias imagens, ela ficava de lado". ▲



ENTREVISTA OLIVAL FREIRE JR. PRESIDENTE DO CNPq

Em entrevista exclusiva para o Jornal da ADUFRJ, durante a Reunião Anual da SBPC, o presidente do CNPq, professor Olival Freire Jr., abordou os desafios orçamentários da agência. Ao mesmo tempo em que enfrenta um bloqueio de R\$ 310 milhões – de R\$ 1,7 bilhão – neste ano, o órgão busca ampliar os recursos para 2027. O governo tem até 31 de agosto para enviar ao Congresso Nacional a proposta de receitas e despesas do próximo ano.

Qual a proposta do CNPq para o orçamento de 2027?
Nós pedimos R\$ 2,5 bilhões, para manter o atual patamar das bolsas, conceder um reajuste em março, correspondente à inflação entre 2023 e 2027, e mais a previsão da contribuição da previdência dos pós-graduandos. Na hora que isso for aprovado pelo Congresso, é a agência que precisa fazer o recolhimento, o que tem que estar previsto no orçamento. E uma pequena recomposição do fomento à pesquisa. Temos algo em torno de R\$ 150 milhões, o que é muito pouco. Estamos pedindo R\$ 300 milhões.

E como respondeu a equipe econômica?
É uma negociação. A primeira resposta foi não e nós rebatemos. Apresentamos o que tecnicamente se chama

restrição no processo de elaboração do orçamento. Daqui para dezembro é que vamos saber o desfecho dessa história. Por enquanto, na primeira resposta, só conseguimos R\$ 6 milhões a mais para bolsas, que é praticamente o mesmo orçamento.

E como estão as negociações para a liberação dos recursos bloqueados do CNPq no orçamento deste ano?
Bem avançadas. À espera de que o compromisso verbal que o ministro do Planejamento assumiu com a ministra de Ciência e Tecnologia se concretize. São R\$ 310 milhões, sendo R\$ 290 milhões de bolsas, o que equivale a dois meses de pagamento dos nossos 105 mil bolsistas. Por enquanto, ninguém está sendo afetado.

A cota de importações do CNPq está muito restrita para atender às demandas dos cientistas. O senhor está acompanhando a iniciativa da UFRJ de importar com imunidade tributária, sem necessidade da cota?
Esse caminho da importação direta e a própria UFRJ tem consciência disso, para se consolidar, precisa de uma certificação. É preciso que saia o chamado parecer vinculante da Advocacia-Geral da União, que amarre como vai acontecer isso, como as fundações de apoio entrarão na história. Isso é que vai dar garantia a qualquer universidade de fazer importação. A gente precisa de segurança jurídica. ▲
(Kelvin Melo)





INVESTIMENTO EM CIÊNCIA: CHINA CRESCER, BRASIL FAZ POUCO

O Brasil está em um patamar muito baixo de investimentos em Ciência, na comparação com as principais economias do mundo. Em 2024, os gastos nacionais com pesquisa e desenvolvimento chegaram a R\$ 144,6 bilhões de reais, o que equivale a 1,2% do PIB. É um percentual superior à média da América Latina e Caribe, de 0,57%, mas inferior à média mundial de 1,92% e muito distante dos 2,7% registrados pelos países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Os números foram apresentados pela presidenta da Academia Brasileira de Ciências (ABC), professora Helena Nader, em mesa que discutiu o financiamento da pesquisa no país, no dia 27. "Nosso problema central não é de ausência de capacidade, ausência de instituições. A nossa dificuldade é oferecer a elas escala, estabilidade, coordenação e continuidade. Portanto, a primeira necessidade é assegurar financiamento institucional de base", disse Helena.

A comparação com os números da China e dos EUA chega a impressionar. O investimento mundial em pesquisa e desenvolvimento (P&D) alcançou cerca de US\$ 3,48 trilhões em 2024. China e EUA responderam, juntos, por quase 60% deste total: China, com US\$ 1,03 trilhão; os EUA, com US\$ 1,01 trilhão.

"Mas mais importante do que a fotografia é a trajetória", afirmou Helena. De 2000 e 2024, a participação chinesa passou de 5% para 30% dos investimentos em P&D. No mesmo período, a participação norte-americana caiu de 39% para 29%. Da União Europeia, de 24% para 18%; e do Japão, de 14% para 7%.

"Os números mostram que a distribuição mundial da capacidade científica pode mudar. Mas ela muda como resultado de decisões persistentes tomadas ao longo de décadas", alertou a presidenta da Academia Brasileira de Ciências. ▲



As plataformas dos candidatos às eleições de 2026 só deverão ser conhecidas em setembro, prazo final para apresentação dos documentos junto aos tribunais eleitorais. Mas o rito que deveria enriquecer a democracia tem se mostrado puramente retórico. Pelo menos para a área de saúde.

Foi o que discutiu uma mesa-redonda coordenada pela presidenta da ADUFRJ, professora Ligia Bahia, no dia 28. "Todas as plataformas falam em 'mais'. Mais unidades de saúde, mais ambulâncias, mais médicos. Falam em zerar filas, em aumentar o orçamento e fortalecer o SUS, de forma vaga", afirmou Ligia, que é docente do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva. "E também não falam do que deveriam falar: menos subsídios públicos para o setor privado, regulamentação da oferta de saúde e menos preconceitos. Com drogas e o aborto, por exemplo", completou.

O epidemiologista Naomar Filho, da UFBA e integrante do Colégio Brasileiro de Altos Estudos da UFRJ, por sua vez, entende que há dois projetos bastante antagônicos disputando os rumos da saúde no país, mesmo que os discursos sejam similares para tentar conquistar um número maior de eleitores. "Um, que gostamos de chamar de progressista, é participativo, para o bem de todos. O que se contrapõe é um projeto individual, privatista e tecnocrático", afirmou.

Já a professora Marta Arretche, do Centro de Estudos da Metrópole, da USP, ponderou que os eleitores dão pouco valor às plataformas de campanha em um ambiente político polarizado como o do Brasil. "O que mais explica a avaliação de

um presidente não é o que ele faz. É se o entrevistado votou ou não nele na última eleição. Se você não votou na Dilma, você não vai aprovar o que ela fez. Isso vale para a saúde, para os programas sociais, para o Bolsa Família, para muitas políticas", afirmou.

Para Marta, isso representa um problema para a democracia. Os eleitos podem ser desestimulados a fazer política para quem não vota mais neles. "Isso aqui é um é um problema no Brasil e no mundo quando você tem a polarização afetando as escolhas eleitorais".

Ligia ressaltou que a disputa contra a extrema direita não é um debate convencional entre direita e esquerda, mas o combate a um projeto de regressão histórica e ataques diretos às instituições e às universidades. "Estamos diante da extrema direita. O projeto da extrema direita é a regressão a um passado idílico. O alvo são nossas instituições, são as universidades. Nas universidades está o futuro e, para a extrema direita, não interessa o futuro", afirmou a presidenta da ADUFRJ.

A professora convocou docentes, entidades sindicais e a comunidade universitária a perderem o medo de pautar o debate político de forma ampla e unificada. "Esse slogan 'A esperança venceu o medo' é filosófico, é uma pauta contra a extrema direita. Vencido o medo, nós precisamos continuar vencendo o medo, porque isso não quer dizer que por um sopro essas coisas deixaram de existir", disse Ligia. "Nós e nossas entidades e instituições podemos e devemos travar esse debate. ▲



DE NITERÓI PARA O UNIVERSO EXTREMO

O que é a matéria? Quais leis regem o Universo? Ele é finito ou infinito? Teve começo e terá fim? Partindo dessas perguntas, o pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa da UFRJ, professor João Torres, deu um minicurso sobre as ideias básicas da física de astropartículas e cosmologia, durante a Reunião Anual da SBPC. ▲



O QUE VOCÊ ANDA BEBENDO NO SEU CAFEZINHO?

Com esse título, um dos mais provocativos da programação da Reunião Anual da SBPC, a professora Cláudia Moraes de Rezende atraiu grande audiência para a conferência sobre uma das bebidas preferidas dos brasileiros, no dia 28.

"O café, para um químico de produtos naturais, é uma fatura. O Brasil é o primeiro exportador mundial de grão cru. Para quem trabalha com planta, é uma bênção, porque você tem muito material", brincou Cláudia.

A docente, coordenadora do Laboratório de Análise de Aromas (Laroma) do Instituto de Química da UFRJ, discorreu sobre os grãos da planta, sua composição, as mudanças provocadas pelos processos de lavagem, secagem e de torra pós-colheita, além dos efeitos no corpo humano.

A pesquisadora fez um alerta sobre uma das substâncias presentes no café, o cafestol. "Por que o cafestol é tão interessante e importante? Bom, ele é antioxidante, como vários produtos naturais, tem várias atividades antitumorais descritas, é anti-inflamatório, mas ele aumenta o colesterol. O colesterol ruim, como a gente fala", contou.

Mas não é qualquer cafezinho que produz esse efeito. "De um modo geral, o consumo de mais de seis xícaras de café não filtrado por dia tende a aumentar o nível de colesterol em humanos", afirma. "A forma mais saudável de beber café é a do café coado".

Leia mais sobre o tema em entrevista com a professora no próximo Jornal da ADUFRJ. ▲



MESA DISCUTIU OS DESAFIOS DO MOVIMENTO DOCENTE

Os desafios do movimento docente mobilizaram uma das mesas do primeiro dia da Reunião Anual da SBPC. Sob coordenação da presidenta da ADUFRJ, professora Ligia Bahia, o encontro refletiu sobre como as eleições de outubro podem impactar as universidades.

"O que ameaça as universidades hoje é a extrema direita, com um projeto de fechamento das universidades. Nós estamos sendo atacados por uma força que é uma força que pretende a volta ao passado, no qual não havia universidades", afirmou Ligia.

A reação, de acordo com a docente, exige um movimento sindical muito fortalecido. E é por isso que a ADUFRJ pretende organizar um ciclo de debates sobre o sindicalismo. "Estamos tentando de alguma maneira ampliar o que nós consideramos que deva ser a ação do sindicato. Os sindicatos têm uma participação importante na esfera política", disse. "Queremos fazer esse ciclo e queremos apresentar propostas para as candidaturas, tanto majoritárias, quanto proporcionais", completou.

Jailton de Souza Lira, secretário-geral da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas (ADUFAL), também se mostrou preocupado com o avanço da extrema direita e criticou a falta de apoio da direção do Andes. "Nós não temos localmente conseguido um apoio nacional para que os professores e professoras possam fazer frente a estes desafios, não só em Alagoas", contou.

"Nós temos o Sindicato Nacional que, nos últimos anos, na nossa avaliação, tem se descolado da realidade local, inclusive das seções sindicais que o representam localmente".

"É importante a gente deixar claro que a crítica que nós fazemos, ela é no sentido da construção de um outro modelo de sindicato, que não pode ser esse sindicato que está se afastando cada vez mais da base", completou Jailton.

Já o professor Helder Figueiredo e Paula, presidente do sindicato dos professores de Universidades Federais de Belo Horizonte e Montes Claros (APUBH), considerou que o tema da Reunião Anual da SBPC - Ciência para todos: soberania, desenvolvimento e inclusão - deveria ser incorporado como prioridade pelo movimento docente. "A direção da SBPC mostra uma compreensão aguda da importância de que o Brasil supere essa condição dependente e periférica. Sem essa superação não tem valorização das universidades públicas, não tem investimento em ciências, não tem desenvolvimento, não tem inclusão e nem democracia", disse.

Presidenta da Associação dos Docentes da Universidade Federal do ABC, a professora Maria Carlotto foi direto ao ponto. "Nós temos um desafio, que é de todas as associações docentes, que é reeleger o Lula, porque isso é derrotar a extrema direita. Mas não basta eleger o Lula da mesma maneira. Nós temos que eleger o Lula com uma agenda ousada. Preservando a democratização, a interiorização, todas as conquistas e indo além". ▲

JORNAL DA ADUFRJ CONQUISTA NOVOS LEITORES



A edição especial do Jornal da ADUFRJ foi distribuída durante a Reunião Anual da SBPC e conquistou novos leitores. A presidenta da SBPC, professora Francilene Procópio, o presidente do CNPq, Olival Freire, o presidente da Finep, Luiz Elias, e também o Zé Gotinha garantiram um exemplar. ▲



FNDCT MAIS VISÍVEL

Quem frequenta as reuniões anuais da SBPC deve ter reparado como a sigla do Fundo Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico, diferentemente de edições anteriores, estava estampada em todos os estandes da ExpoT&C, a mostra de ciência e tecnologia do evento. "Isso foi uma decisão do Conselho do FNDCT. É comunicação com o pesquisador. O Fundo tem que ser defendido pela comunidade científica como a área de saúde defende o Fundo Nacional de Saúde; como os educadores defendem o Fundo Nacional de Educação. São patrimônios do Estado brasileiro", explicou o presidente do CNPq, professor Olival Freire Jr. ▲

CANDIDAT@S AMIG@S DA CIÊNCIA

SILVANA SÁ
silvana@adufRJ.org.br

Não basta pedir mais atenção à Ciência ou reclamar dos cortes orçamentários da área. É preciso mudar o Congresso Nacional e eleger representantes ligados à pesquisa e à inovação. Com esse espírito, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência abriu espaço a candidaturas ao Legislativo comprometidas com a temática. Na ocasião, foi apresentada a publicação ‘Vozes da Ciência: o Brasil que queremos’ com diretrizes e propostas da comunidade científica para a elaboração de políticas públicas para o país. Soraya Smaili, vice-presidente da SBPC, apresentou os eixos que norteiam a publicação: “Nós temos dados e ideias frutos de um seminário que ocorreu de novembro de 2025 a maio de 2026 e que foram sintetizados neste documento”, explicou a dirigente. São sete eixos: CT&I como Projeto de Nação; Soberania Nacional: Digital, Tecnológica e Sanitária; Sustentabilidade, Clima, Biodiversidade e Segurança Alimentar; Democracia e Segurança Pública; Equidade, Diversidade e Justiça Social; Educação, Formação e Universidade; Saúde Pública, Saúde Mental e Vigilância.

Ildeu Moreira, presidente de honra da SBPC e professor Titular do Instituto de Física da UFRJ, conduziu a mesa que apresentou as candidaturas. “Vamos divulgar candidatos de quaisquer partidos que se comprometam com esses valores”, garantiu. Os candidatos se apresentaram por ordem alfabética. Foram sete candidaturas federais (seis pelo Rio de Janeiro e uma por São Paulo) e uma candidatura estadual. Veja a seguir:



CELSON PANSERA-RJ (candidato a deputado federal PT): “Fui membro durante quatro anos da Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados. Sou autor do primeiro projeto de lei de reconhecimento dos direitos previdenciários dos pós-graduandos, mas ele ficou esquecido porque não fui reeleito. Felizmente, a articulação social com parlamentares permitiu que fosse criada a lei este ano. É uma vitória”, afirmou. “Meu gabinete estará sempre à disposição da ciência, da tecnologia, da inovação e da democracia.”



JANDIRA FEGHALI-RJ (candidata a deputada federal PCdoB): “Estamos sendo olhados por esse império (norte-americano) como um fornecedor de matéria-prima para que eles possam desenvolver a tecnologia deles,

o capitalismo deles, a política deles. Por isso, penso que esse primeiro eixo é muito fundamental, porque não somos quintal de ninguém”, afirmou a parlamentar ao exaltar a necessidade de investimentos em C&T para defesa da soberania. “A gente também não terá soberania nacional se não tivermos soberania digital”, afirmou. “E, por fim, é fundamental reeleger Luiz Inácio Lula da Silva.”



JULIANA BENÍCIO-RJ (candidata a deputada federal PSDB): “A soberania não é mais territorial ou de fronteira. Ela é tecnológica e sai de laboratório, sai da Ciência. É preciso dizer que o orçamento de C&T é sempre cortado. Quando a gente deixa o pesquisador de pires na mão, a gente está desmontando o sistema de C&T”, afirmou. Ela tocou também no tema da fuga de cérebros. “A gente precisa reter talentos e se retém talentos com médias e grandes empresas. O Rio de Janeiro é o estado que mais tem estrutura científica. A gente tem talento científico. Na economia do conhecimento, este é um bem imensurável e intangível.”



LUCIANA GATTI-SP (candidata a deputada federal PSOL): “Sou uma cientista de alto impacto, mas como continuar no laboratório publicando artigos, enquanto o Congresso negacionista reduz o orçamento das instituições e direitos da população?”, questionou a candidata. “A gente tem que mudar como a gente produz, como consome, como gera comida. O combate número 1 é ao desmatamento. A meta é desmatamento zero. Temos 16,6% de área não destinada no Brasil. É muita terra. Se esse montante se transforma em reserva federal para vários tipos de destinação, essa seria uma maneira de parar a máquina do desmatamento.”



NÍSIA TRINDADE-RJ (candidata a deputada federal PT): “Importante que as pessoas olhem qual é o histórico de cada

candidato e candidata. Precisamos é de um Congresso que efetivamente represente a população”, ressaltou a ex-ministra da Saúde. “A primeira tarefa é reeleger o presidente Lula. Isso significa a defesa da democracia nesse momento. E, ao fazer isso, precisamos de uma bancada forte. Não podemos admitir retrocessos. O segundo desafio é avançar nas políticas, colocar uma perspectiva de futuro. Minha luta será para aumentar a participação das mulheres nesse Congresso que tem apenas 18% de mulheres na Câmara Federal.”



REIMONT-RJ (candidato a deputado federal PT): “Quando a gente pensa em Ciência, não podemos nos esquecer que muito recentemente tentaram destruir tudo o que conseguimos construir. O RJ tem dez instituições públicas de Ciência e Educação. Mais seis unidades de Pesquisa e Inovação. Quando pensamos e discutimos com nossos cientistas, estamos discutindo em prol de um país mais soberano. Precisamos dar condições para que todo brasileiro e

brasileira tenha condições dignas. Não tem sentido fazer política, assim como não tem sentido ser cientista, se não for para melhorar o nosso país.”



TATIANA ROQUE-RJ (candidata a deputada federal PSB): “A democratização da universidade pública é uma das questões mais importantes do nosso país”, disse Tatiana, que lembrou a trajetória como presidenta da ADUF RJ, de 2015 a 2017. “Eu me tornei política ao perceber, naquele momento histórico, que a causa da Ciência e das universidades era tão central para o nosso país. Precisamos reeleger o presidente Lula, mas não é suficiente. Precisamos também que as nossas universidades sejam olhadas com a atenção que merecem, para que a gente possa de novo colocar no centro o projeto de uma universidade democrática. É esse projeto que vai conseguir transformar o Brasil.”



LILIAN BEHRING-RJ (candidata a deputada estadual PCdoB): “Sou enfermeira emergencista. Na época em que o general Pazuello não queria trazer a vacina de covid para o Brasil, eu estava lá no Aeroporto Internacional para poder controlar a rede de frios para que o IFA chegasse às instituições para a produção da vacina no Brasil. Estive junto com a UERJ na luta pelas cotas. Precisamos, cada um de nós, ter posicionamento. O nosso lado é por Lula, é pela vida, pela Ciência.”



Representantes da comunidade científica e políticas ligadas às universidades se reuniram com o governador do Rio, Ricardo Couto

PRESSÃO IMPEDE FIM DE SECRETARIA DE C&T

Após crítica contundente da comunidade acadêmica, governador Ricardo Couto voltou atrás e vai recriar a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. Reitores, professores e parlamentares do Rio participaram da mobilização em defesa da pasta

SILVANA SÁ
silvana@adufRJ.org.br

A Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do estado será recriada, garantiu o governador em exercício do Rio, Ricardo Couto. O anúncio foi feito 24 horas depois de o próprio governador extinguir a pasta. A mobilização da comunidade acadêmica e a pressão para a recriação da SECTI fizeram Couto recuar da decisão. O governador se reuniu no dia 7 com parlamentares e reitores das universidades do Rio. Uma comissão formada pelos dirigentes da UFRJ, UFF, Uenf e Uerj apresentará as novas bases para a refundação da secretaria.

Reitor da UFRJ, o professor Roberto Medronho participou do encontro. “Em dez dias, vamos apresentar, por meio desta comissão, uma proposta para a nova secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do nosso estado”, contou o dirigente.

sembrado. “Será imprescindível obter garantias, especialmente para o pleno funcionamento da Uerj e demais instituições estratégicas para o ensino e pesquisa, que integram o organograma da SECTI”, afirmou, no dia da publicação do ato do governador no Diário Oficial do estado.

Para a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a medida foi além de uma reorganização administrativa, já que resulta no enfraquecimento institucional do segundo maior sistema estadual de ciência e tecnologia do país. “A SBPC apoia sem reservas a apuração de irregularidades, a correção de procedimentos e o restabelecimento da conformidade na administração pública. Esse é um dever de qualquer gestão, e a comunidade científica é a primeira interessada em que os recursos da ciência sejam aplicados com transparência e regularidade. Mas é preciso distinguir com clareza duas coisas que o decreto confunde: falhas de gestão e a existência da política pública”, afirma trecho da nota publicada pela instituição.

A Associação Nacional de Pós-Graduandos publicou nota com duras críticas à decisão do governador em exercício. De acordo com o documento, os pós-graduandos compreendem que o Governo do Estado do Rio de Janeiro vive um “estado de calamidade política, financeira e administrativa”, mas que não justifica reduzir uma estrutura voltada a uma po-

lítica pública. Para a ANPG, essa decisão também atinge diretamente milhares de mestrandos, doutorandos e jovens pesquisadores. “A pós-graduação brasileira não existe separada de uma política pública sólida de ciência e tecnologia. Bolsas, laboratórios, financiamento de pesquisas, formação científica, inovação e permanência de pesquisadores dependem de instituições estáveis e de políticas de longo prazo”, diz trecho do texto, que pediu mais diálogo. “É especialmente preocupante que uma mudança dessa dimensão tenha ocorrido sem diálogo prévio com a comunidade científica e acadêmica, com os servidores e com as instituições diretamente afetadas.

A decisão também provocou reação imediata de parlamentares ligados à comunidade científica. Ex-secretária municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação e atual vereadora do Rio, Tatiana Roque (PSB) criticou a medida. “Extinguir uma secretaria de Ciência e Tecnologia significa não ter política de Estado para a Ciência e Tecnologia, que é uma área tão fundamental para o Rio de Janeiro”.

Presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia e Inovação da Alerj, a deputada Érika Takimoto (PT) afirmou estar preocupada com o decreto de extinção da SECTI, mas que buscava o diálogo com o governador em exercício. “A Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação desempenha um papel estratégico na estrutura administrativa do Estado”, afirmou em suas redes sociais.

Já a deputada Dani Balbi (PCdoB) anunciou que enviaria ofício ao governador pedindo explicações. A parlamentar é vice-presidente da Comissão de CT&I da Alerj. “A decisão é um ataque à produção de conhecimento no nosso estado, que tem instituições importantíssimas como a Uerj, a Uenf, a Faperj”, elencou.▲